

Em vez de terrorismo e guerrilha, os soviéticos estão introduzindo um “urso de Tróia” feito de comércio, diplomacia e cultura

Nova Tática Russa na América Latina

OS RUSSOS estão chegando à América Latina. Mas, em vez de agitadores, são diplomatas, vendedores, dançarinos, times de futebol e poetas. Fuzis são substituídos por pastas de couro, uniformes de campanha por paletó e gravata.

Nomes como Guennady Sazhenov, Eduardo Arriagada e Nicolai Zinovyev nunca serão tão conhecidos como o do herói comunista Che Guevara; mas êsses homens, e dezenas de outros como êles, representam a nova ofensiva comunista. Com seus métodos sutis êles podem fazer muito mais para tornar o comunismo aceitável para 250 milhões de latino-americanos do que Che Guevara e suas guerrilhas.

Sazhenov, um afável jogador de tênis, ocupa o segundo pôsto em importância na Embaixada soviética de

CARL T. ROWAN E DAVID M. MAZIE

Bogotá; Arriagada é o marxista chileno que dirige o muito bem organizado Instituto Cultural Chileno-Soviético. Zinovyev é o chefe da missão cultural russa que está negociando acôrdos em tôda a América do Sul. Cada um representa um aspecto de uma iniciativa em três frentes—diplomática, cultural e comercial—desfechada pela União Soviética e seus aliados da Europa Oriental com o objetivo de melhorar a sua posição nas Américas e, ao mesmo tempo, minar a influência e o prestígio dos “imperialistas norte-americanos”. Enquanto isso, vão explorando cada êrro americano e cada mal-entendido entre o Govêrno dos Estados Unidos e seus vizinhos latinos.

Quando as relações entre os Estados Unidos e o Peru se agravaram em conseqüência da encampação de

uma firma de petróleo pelo Govêrno peruano em 1968, os soviéticos agiram prontamente; e em fevereiro de 1969 conseguiram um objetivo longamente visado: o estabelecimento de missões diplomáticas. Menos de três semanas depois, Zinovyev assinava um acôrdo de comércio em Lima, acontecimento que permitiu a muitos peruanos dizerem de boca cheia que sua dependência econômica dos Estados Unidos estava terminada.

A nova ofensiva pacífica dos russos não significa o fim de todo o terrorismo e subversão de inspiração comunista. Cuba ainda emprega dinheiro e agentes para provocar subversão. Não há dúvida que muitos representantes russos desempenham missões de espionagem ao lado das comerciais e diplomáticas. Mas muitos observadores acham que a Rússia, que está gastando um milhão de dólares por dia em Cuba para sustentar Fidel Castro, não está disposta a sustentar outro govêrno comunista no hemisfério, nem convencida de que a luta armada é a melhor maneira de conseguir um govêrno comunista. Os soviéticos trocaram a carranca pelo sorriso, e isso está dando resultados.

Abraço Meloso de Urso. Veja-se o caso do Chile. As relações diplomáticas entre a Rússia e o Chile, rompidas em 1948 por causa da guerra fria entre Leste e Oeste, foram reatadas em 1965, depois que Eduardo Frei Montalva foi eleito Presidente e começou a cumprir suas promessas eleitorais de uma política ex-

terna "independente". O primeiro embaixador soviético, o simpático Alexander Anikin, que fala espanhol, estabeleceu-se numa rica mansão com piscina e o melhor cozinheiro da cidade. Seu estilo burguês não caiu bem com alguns comunistas chilenos—mas deu respeitabilidade aos russos por demonstrar que nem todos êles eram caipiras ou agentes da KGB.

Hoje o Chile mantém relações diplomáticas e comerciais com a Rússia, a Bulgária, a Tchecoslováquia, a Hungria, a Polônia, a Romênia, a Iugoslávia e relações comerciais com a Alemanha Oriental e a China Comunista. Mais de 200 estudantes chilenos já receberam bôlsas para a Universidade Patrice Lumumba de Moscou.

Institutos culturais chileno-soviéticos florescem em 14 cidades chilenas. O de San Antonio, cidade portuária de 70.000 habitantes a 100 quilômetros de Santiago, é típico. Oferece exposições literárias, projeções de filmes, debates e reuniões sociais a seus 650 sócios contribuintes e mantém cursos de datilografia, estenografia, artes e idiomas.

Eduardo Arriagada, diretor-secretário do instituto, afirma que a instituição é apolítica. Observa que o presidente do conselho diretor é do Partido Radical, que o vice-presidente é democrata-cristão e que o idioma mais procurado é o inglês, não o russo. Mas Arriagada é marxista, e o instituto tem uma atmosfera russa insofismável. Em 1967, o

instituto mandou 140 chilenos à Rússia para o quinquagésimo aniversário da Revolução. Em 1969, 80 chilenos foram a Cuba sob os auspícios do instituto. Retratos de Lenine, Tolstoy e Pushkin figuram nas paredes das salas de aula.

O instituto ilustra um princípio básico na estratégia vermelha: dirige-se não apenas aos comunistas do país, mas também a pessoas que não são de esquerda, ampliando assim a popularidade e a respeitabilidade do comunismo.

Troika Pacífica. O que ocorre no Chile está-se repetindo em vários graus nas três frentes "pacíficas" em toda a América do Sul.

Relações Diplomáticas: A União Soviética tem agora relações diplomáticas em nível de embaixada com seis países latino-americanos além de Cuba e do Chile—Argentina, Brasil, Colômbia, México, Peru e Uruguai. Excluindo Cuba, calcula-se em 300—o dôbro do número de 10 anos passados—o número de diplomatas soviéticos acreditados nesses países. De um modo geral, a nova geração de diplomatas soviéticos na América do Sul é formada de gente brilhante, jovem, bons políglotas e versados na cultura da região. O nôvo diplomata russo procura concentrar-se na diplomacia pessoal, conquistando políticos, estudantes, jornalistas, líderes sindicais e outros que possam ser úteis "agentes de influência" daqui a 10 anos.

Comércio: Os moscovitas estão adquirindo o gosto pelo café da Amé-

rica Latina, e jipes e ônibus elétricos de fabricação russa rodam pelas ruas de Bogotá. Os uruguaiois acordam ao som de despertadores russos. A Alemanha Oriental está exportando máquinas impressoras e tratores para o Chile. Uma fábrica de plásticos está sendo construída no Brasil com ajuda russa. Estudantes de 19 universidades brasileiras estão utilizando equipamento de laboratório da Hungria e da Alemanha Oriental. Ao todo, o comércio entre a Europa Oriental e a América Latina (excluindo Cuba) passou de 290 milhões de dólares em 1963 a 348 milhões em 1967.

Por outro lado, grandes créditos russos (100 milhões para o Brasil e 57 milhões para o Chile, entre outros) ficaram em grande parte intocados. E os países da Cortina de Ferro ainda obtêm apenas cerca de 2% do total do comércio da América Latina, enquanto que os Estados Unidos obtêm 38%.

Há vários motivos para isso. Os consumidores latino-americanos não estão familiarizados com os produtos da Cortina de Ferro e têm dúvidas quanto à sua qualidade e à obtenção de sobressalentes. Os homens de empresa descobriram que as indústrias estatais soviéticas não estão preparadas para receber encomendas a preços especificados e com datas certas de entrega. Além disso, o transporte marítimo tem de percorrer grandes distâncias. Mas as dificuldades que os latinos estão encontrando em seu comércio com o Ocidente poderão expandir o comércio russo-latino-

americano. Há muito tempo que as nações latinas vêm pleiteando tratamento preferencial para a colocação de produtos nos Estados Unidos, mas até agora pouca ajuda lhes foi dada. Quanto mais difícil fôr para elas vender para o Ocidente, mais elas se voltarão para o Leste.

Cultura e Propaganda: As nações comunistas foram muito mais bem sucedidas em seu intercâmbio cultural e em seus esforços de propaganda. Entre as personalidades soviéticas que visitaram a América do Sul em 1968 estavam o poeta Yevgeny Yevtuschenko (que leu poemas e dirigiu debates em espanhol), o violinista Leonid Kogan, a Companhia Georgiana de Balé, a Filarmônica Infantil da Bulgária e o Balé Moderno de Praga.

A América Latina por sua vez mandou um punhado de artistas à Rússia, mas a sua grande exportação é de estudantes. Mais de 1.300 latinos ganharam bôlsas para universidades soviéticas e da Europa Oriental em 1967. (Dos 22.700 estudantes latino-americanos nos Estados Unidos, menos de 5% recebem alguma assistência financeira do Govêrno americano.) Um número menor de estudantes russos freqüentam escolas latino-americanas. O intercâmbio acadêmico em alto nível, de professores e administradores, está aumentando.

Toneladas de material impresso de Cuba, da União Soviética, da Europa Oriental e da China Comunista invadem a região. Traduções de li-

vros russos sobre Matemática, Medicina, Ciências e outros assuntos são vendidas a estudantes a preços grandemente reduzidos. Alguns jornais e revistas de inclinações comunistas gozam de grande influência. O número de correspondentes de agências de notícias de países da Cortina de Ferro está aumentando, e algumas estações de televisão e jornais latino-americanos divulgam o material dessas agências. Cuba transmite 268 horas de programas de rádio por semana para a América Latina, a Rússia 117 horas, países da Europa Oriental 161—enquanto que a Voz da América transmite 87 horas e meia. (Estações latino-americanas irradiam dezenas de horas por semana de material da Voz da América como parte de seu programa “normal”.)

Aceitação Cautelosa. O grau de sucesso da União Soviética em sua campanha de conquista de simpatia depende do que se está medindo. De um lado ainda existe uma antiga desconfiança do marxismo por parte dos militares e das oligarquias latino-americanas, dois grupos que continuam detendo a maior parte do poder. O Partido Comunista está fora da lei no Brasil, e na Argentina o Govêrno militar submete a Embaixada soviética a grande dose de aborrecimentos. A Rússia é também sobre-carregada com a sombra de Fidel Castro; qualquer ataque terrorista é geralmente atribuído a Havana, o que não deixa de embaraçar Moscou.

Não obstante, os soviéticos têm bons motivos para serem otimistas.

A força mais dinâmica na América Latina atualmente é o nacionalismo —dirigido contra estrangeiros e especialmente contra emprêsas estrangeiras. E o estrangeiro mais ativo é sem dúvida o Tio Sam, com mais de 12 bilhões de dólares em investimentos privados e um programa de ajuda onipresente. A Rússia, relativamente nova na região, e não tão visível ainda, explora as emoções nacionalistas para solapar os Estados Unidos.

De um modo geral, os latino-americanos influentes recebem a campanha soviética de amizade com cautelosa aceitação. Dizem êles que os Estados Unidos têm aumentado o seu intercâmbio comercial com os países comunistas e feito outros gestos de amizade na direção de Leste. “Por que não podemos fazer o mesmo?”, perguntam.

Indagados sôbre o que podem ganhar nas relações com a Rússia, êles citam três pontos principais: 1) Os latino-americanos precisam expandir seu comércio, e consideram as relações diplomáticas uma necessidade essencialmente econômica; 2) afirmar sua independência mediante o estabelecimento de relações com países comunistas é uma maneira de puxar a barba de Tio Sam e provar que não estão presos a ela; 3) nas nações em que têm aparecido guerrilhas com apoio em Cuba muitos líderes acham que o estabelecimento de relações com a Rússia equivale a

uma apólice de seguro contra o terrorismo.

Reação Americana. De um modo geral a diplomacia americana encara a campanha soviética como um desafio, mas não uma tragédia, e acha que pode ser enfrentada com medidas positivas: estreitando as relações na região, mandando para lá os melhores diplomatas e empresários americanos, melhorando o intercâmbio cultural e a propaganda. É curioso notar que enquanto a Rússia intensifica os seus esforços culturais, o orçamento americano para êsses programas sofre drástica redução. Se os Estados Unidos quiserem manter a posição que conquistaram no comércio, precisarão dar ouvidos às queixas e pedidos legítimos dos latinos.

A maioria dos empresários americanos não estão informados dos progressos dos soviéticos. Mas está ao alcance dêles, tanto como ao de qualquer outro grupo, melhorar as relações na prática, e também a imagem dos Estados Unidos. Sol M. Linowitz, ex-Embaixador dos Estados Unidos na Organização dos Estados Americanos, faz uma advertência clara: “Ameaça muito maior aos Estados Unidos do que a presença russa é a possibilidade de os países da América Latina se desiludirem conosco por não mostrarmos interêsse. *Precisamos* encontrar meios de induzir os latinos a olharem para o Norte, não para o Leste.”

